

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

FECUNDIDADE, PARTICIPAÇÃO FEMININA E RENDA.

Fernanda do Nascimento Facury

No. De matrícula 9915630

Orientador: Francisco Ferreira

Junho de 2002

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA**

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

FECUNDIDADE, PARTICIPAÇÃO FEMININA E RENDA.

**Fernanda do Nascimento Facury
No. De matrícula 9915630**

Orientador: Francisco Ferreira

“Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor”.

Junho de 2002

“As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor”

Agradeço ao professor Francisco Ferreira e ao Phillippe Leite pela atenção

disponibilizada durante a composição do presente trabalho.

Índice

I –

Introdução.....	6
------------------------	----------

II – Educação e

Fecundidade.....	7
-------------------------	----------

III – Produção e Reprodução: O Papel da Mulher na Sociedade.....	13
---	-----------

IV – A Renda Familiar e o Trabalho da Mulher.....	17
--	-----------

V – Análise Econométrica da Participação Feminina na PEA

V.I – Os

Determinantes.....	23
---------------------------	-----------

V.II – Dados e

Método.....	26
--------------------	-----------

V.III – Resultados

Empíricos.....	29
-----------------------	-----------

VI –

Conclusão.....	35
-----------------------	-----------

VII –

Bibliografia.....	36
--------------------------	-----------

Índice de Tabelas

Tabela 1.1

Brasil 1996, Distribuição das mulheres atualmente unidas de 15-44 anos, usando algum método anticoncepcional, por tipo de método e escolaridade da mulher.....9

Tabela 1.2

Brasil 1996, Número ideal de filhos segundo nível de instrução da entrevistada s do parceiro.....1

1

Tabela 1.3

Brasil 1995-1996, Taxas de fecundidade total marital segundo seus componentes (desejada e não desejada) por tamanho da localidade e educação da mulher e do marido..11

Tabela 2.1

Taxas femininas de atividade segundo o número e a idade dos filhos.....15

Tabela 3.1

Brasil 1981, 1990 e 1995, Distribuição entre seus componentes segundo faixas de renda em linhas de pobreza na região metropolitana de São Paulo.....18

Tabela 3.2

Brasil 1981, 1990, e 1995, Taxas de participação feminina (total de mulheres) segundo faixas de renda familiar, em linhas de pobreza (lp), nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre.....19

Tabela 3.3

Brasil 1995, Mudanças na distribuição das famílias segundo faixas de renda per capita devido ao rendimento do trabalho das mulheres na região metropolitana de São Paulo.....21

Tabela 3.4

Brasil 1995, Mudanças da distribuição das famílias segundo faixas de renda per capita devido ao rendimento do trabalho da mulher nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre.....22

Tabela 4.1

Variáveis.....24

Tabela 4.2

Média das variáveis.....27

Tabela 4.3

Participação na PEA-mulheres cônjuges (lfp). Modelo probito, modelo 1.....29

Tabela 4.4

Participação na PEA-mulheres cônjuges (lfp). Modelo probito, modelo

2.....30

Tabela 4.5

Efeitos marginais do modelo

2.....31

□ TOC \o \h \z □

□

I – INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho no Brasil, o qual resultou em uma contribuição para o aumento da renda familiar, descrevendo as mudanças ocorridas no contexto socioeconômico.

O ingresso da mulher na vida pública se deu em meio a um rápido declínio da fecundidade tendo como causa básica o aumento da educação. A queda da fecundidade por sua vez teria o efeito de liberar a mulher para o trabalho aumentando a renda do domicílio. Para tanto, o trabalho estrutura-se através de um conjunto de teorias e evidências com abordagens distintas que procuram descrever e discutir o processo acima.

Adicionalmente em um segundo momento pretende-se estudar os efeitos diretos desses fatores (fecundidade e educação), juntamente com outros efeitos de outras variáveis, sobre a participação feminina na PEA (População Economicamente Ativa). Este estudo seria desenvolvido com base nos dados da PNAD/99 (Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílio) do arquivo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e realizado através da construção de um modelo probit, visando identificar os determinantes a as suas devidas contribuições para o aumento da participação feminina.

Assim este trabalho conta com uma parte teórica e outra econométrica, ambas com o objetivo de entender melhor a trajetória das mulheres no mercado de trabalho, o que é fundamental para prever tendências, quanto para a elaboração de políticas de emprego (voltadas para as mulheres), as quais devem estar atentas às especificidades e heterogeneidades presentes na vida feminina.

II – EDUCAÇÃO E FECUNDIDADE

Dentre as mudanças socioeconômicas ocorridas nas últimas décadas está a redução da fecundidade motivada pelo aumento nos níveis de educação. A taxa de escolaridade tem apresentado um crescimento contínuo, na faixa etária de 10 a 14 anos de idade, em que se espera que a criança esteja pelo menos alfabetizada, a taxa de alfabetização estava em 14,8% em 1989, baixou para 9,9% em 1995 e, quatro anos depois caiu para 5,5%. Os estudos sobre a fecundidade no Brasil mostram que a Taxa da Fecundidade Total (TFT) começou um processo de declínio a partir dos anos 70. O número médio de filhos por mulher de 6,3 em 1960 caiu para 5,8 em 1970, 4,4 em 1980, 2,9 em 1991, e finalmente, 2,3 em 1999. A queda total no período 1960-1999 foi de 63,5%. O declínio foi generalizado, mas foi ainda mais acentuado nas regiões onde havia maior fecundidade como o Norte e no Nordeste, e nos setores mais pobres

⁸T□ ÿ□□DU□□ÀDT□□À□□-□□□½□□□U□□□□□□¼w@□□AöÄ@
□□□&□U□
□□□□D]wkw?□□V□
[ÿ□□DU□](#)
[ÀDT□](#)

da população□.

Verificada a redução da TFT muito se tem discutido sobre a contribuição da educação para que se chegasse a estes resultados. A importância do grau de escolaridade pode ser vista sobre vários aspectos e em diferentes formas de contribuição para a redução do número de filhos na população.

A educação vem modificando os padrões de vida femininos, um maior nível de instrução teria o efeito de induzir a mulher à um questionamento sobre o seu lugar na sociedade criando a possibilidade para que ela tome decisões que a coloque como sujeito condutor de sua vida. Este é um processo lento e gradual no qual a esfera reprodutiva de gestar e criar os filhos como era nas gerações passadas vem dando lugar à percepção de que a mulher possui outras alternativas para a sua vida conduzindo-a da maneira que achar mais conveniente. Em consequência deste fato optam por reduzirem o número de filhos passando a ter mais tempo livre para dedicarem às suas novas atividades extra domiciliares.

Isto acontece mais freqüentemente entre os jovens nas grandes cidades. Com um maior nível de escolaridade as adolescentes se propõem um adiamento do desejo de ser mãe, em virtude das maiores oportunidades no meio social que lhes proporcionam outros tipos de satisfação pessoal.

Atualmente a escola é um meio de comunicação para os filhos onde há divulgação de informações sobre sexualidade e métodos contraceptivos impedindo assim a gravidez entre as meninas que cada vez mais começam a sua vida sexual mais cedo e são desprovidas das informações necessárias para manterem uma vida mais saudável e livre dos incômodos que uma gravidez precoce poderia causa-las. Sob este aspecto a escola além de trazer uma perspectiva de uma vida diferente para as mulheres também as ajuda colocar em pratica o seu desejo de reduzir o número de filhos.

O desejo da mulher de dar uma vida melhor aos filhos que já possui e, portanto não exceder o número de crianças para além do que é possível cuidar, faz parte dessa mudança do comportamento feminino. Através de um maior grau de informação a mulher deixa de ter mais filhos para se ingressar no mercado de trabalho e poder oferecer bens concretos aos filhos já nascidos. Para ela sustentar melhor os filhos é

0-□□□□□□□□U□

□□□½□□□□U□

□'□ ià@(□□ w@□□ý□□□V□□□□□□T□□□□□□□□V□□□□□□□□

□V□□□□□□çE(i5\@□□&□V□□□□□□ □İh`ñ-¿□□W□□ý□□DV□□ÀDU□□À□□-□□□□□□

□V□□□□□□□•C3XĐ@□□&□V□□□□□□□□•@hp«¿□□U□□ý□□DV□□ÀDU□□À□□-□□□½□□

□V□□□□□□á<ù@□□□□@e@□□□□□□

□V□□□□□□i/»'□

ë?□□&□V□ □□□□oî...Kúl¿□□U□ ý□□DV□□ÀDU□□À□□-□□□□□□

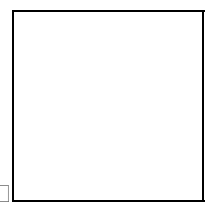
satisfazerem a si mesmas. Uma pesquisa foi feita com uma amostra de 2074 mulheres de São Paulo, Distrito Federal, Recife e Porto Alegre. Nesta pesquisa para a pergunta sobre os motivos que estariam levando as mulheres a terem menos filhos no Brasil, a resposta mais escolhida dentre aquelas apresentadas pelo entrevistador foi a que afirma que as mulheres estão preocupadas em dar um bom futuro para seus filhos□.

Querer cuidar melhor dos filhos tendo uma maternidade mais condigna conduz à inserção da mulher no mercado de trabalho, buscando uma fonte de renda que complemente a do marido, a qual estaria sendo insuficiente para acompanhar o aumento contínuo do padrão de vida demandado pelas famílias, tentando assim suprir esses acréscimos de consumo ajudando seus parceiros no que se refere à questão financeira.

Este contexto de maior independência feminina em resposta aos anos de estudos cada vez mais crescente entra as mulheres (o contingente feminino que concluiu pelo menos o segundo grau passou de 16,4% em 1995 para 20,4% em 1999), reforça ainda mais a necessidade de um planejamento familiar para que elas possam ter as condições ideais para se envolverem nas atividades produtivas extra domiciliares, e oferecer mais conforto para seus filhos□.

3 □ □□□oi...Kúl¿□□U □ ÿ□□DV□□ÀDU□□À□□-□□□□
□V□□□□□ãÐ"Úúp□@~□□□V□
□□□A?À@□□&□V□
□□□□`¿Q,Û¿?□□W□
ÿ□□DV□
ÀDU□
À□□-□□□□□□V□
□□□½□□□V□
□'□□ñà@{(□□0}@□□ý□□□W□□□□□U¹⁰□□□□□□W□□□□□□

¹⁰ □□□□□□W□□□□□□□□
□W□□□□□□•Ô



D[□□À□□28/9/200511

[□W□□□□□-](#)

O processo de autonomia das mulheres se vê facilitado pelo acesso aos métodos de contraceção e como já foi dito anteriormente a educação tem se tornado um meio para a divulgação desses métodos anticoncepcionais. Os anos de estudo não influenciam apenas no conhecimento da contraceção, mas também na escolha do método a ser utilizado pela população feminina a fim de obter a redução do número de filhos e redefinir o seu papel dentro do lar.

Tabela 1.1

BRASIL 1996

DISTRIBUIÇÃO DAS MULHERES ATUALMENTE UNIDAS DE 15-44 ANOS, USANDO ALGUM MÉTODO ANTICONCEPCIONAL, POR TIPO DE MÉTODO E ESCOLARIDADE DA MULHER.

Usam métodos	Escolaridade	Total	Esterilização	Pílula	Outros métodos
	Participação da esterilização no mix				
	Nenhuma	66.8	47.5	7.9	8.7
	1 - 3 anos	71.8	44.1	16.8	8.3
	4 anos	61.4	44.1	16.8	8.3
	5 e mais	75.3	38.2	23.3	13.5
		82.0	35.8	26.7	19.2

Fonte: Perpétuo e Aguirre (1998) baseado nos dados da PNDS-96

Estudos têm comprovado que o uso de anticoncepcionais tem aumentado nos últimos anos. Entre 1986 e 1996 o uso aumentou 18%, sendo grande parte desse aumento determinado pelo crescimento da esterilização principalmente na região Nordeste. O que se comprova é que as pessoas com baixa renda e menos escolaridade tendem a usar a esterilização como método anticoncepcional, e as mais bem posicionadas na escala socioeconômica tendo um maior nível educacional utilizam métodos mais avançados. Depois da esterilização a pílula vem em segundo lugar na procura das mulheres decaindo sua participação no mix dos métodos de 38% em 1986 para 30% em 1996, enquanto que a esterilização subiu de 40% para 49% no mesmo período. Os métodos modernos (Diu, a injeção e a esterilização masculina) tiveram a sua participação aumentada de 7% para 13% neste período podendo ser uma conseqüência do aumento da escolaridade entre a população feminina fato que vem ocorrendo nos últimos anos onde talvez possa ter acontecido uma divulgação dos malefícios da esterilização. A porcentagem de mulheres usando algum tipo de

contracepção é tanto maior quanto mais alto o seu nível de vida□.

É interessante verificar que não só a instrução feminina tem participação nas taxas de fecundidade, mas também a educação masculina tem dado a sua contribuição sobre esta taxa. Um trabalho realizado em 1996 mostra que a fecundidade pode variar de acordo com os anos de estudo masculino (dos parceiros das mulheres) é o que se comprova com a análise dos dados da PNDS/96 (Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde) realizada pela BENFAM, onde se encontram indicadores sobre as intenções reprodutivas femininas e masculinas o que tem funcionado como um bom preceptor da fecundidade no médio prazo. Busca-se a partir de respostas sobre o número ideal de filhos e nascimentos desejados, delinear o perfil reprodutivo das mulheres□.

0□&□W□□□□□□d□,,□~ζ□□V□□ÿ□□DW□□ÀDV□□À□□-□□□½□□□W□□□□□□Á~ù@□□□□
Y@□□□□
□W□□□□□□
□+‡□Ùê?□□&□W□ □□□□δÆÈ'□}ζ□□V□ ÿ□□DW□□ÀDV□□À□□-□□□□□
□W□□□□□gDiođ□□@□□
□W□
□□□Ñ"Ùù~,[@□□&□W□
□□□□=@Of‡?□□X□
ÿ□□DW□
ÀDV□
À□□-□□□□□□□W□
□□□½□□□W□
□'`δà@¹⁴□□|@□□ý□□□X□□□□□□V□□□□□□□X□□□□□□□
¹⁴□□|@□□ý□□□X□□□□□□V□□□□□□□X□□□□□□□
□X□□□□□~Ý"‡...b^@□□&□X□□□□□Ø□>ieIÀ?□□Y□□ÿ□□DX□□ÀDW□□À□□-□□□□□
□X□□□□□d;BO
oÍ@□□&□X□□□□□□À-
,ùší□ζ□□W□□ÿ□□DX□□ÀDW□□À□□-□□□½□□□X□□□□□□ñâù@□□□`c@□□□□

D[□□À□□28/9/200515

□X□□□□ü©ñÒMbi?□□&□X□ □□□□=□sÁJ-?□□W□ ÿ□□DX□□ÀDW□□À□□-□□□□□

É interessante observar que a proporção (%) do componente “não desejado” das mulheres sobe com o nível de instrução onde em um primeiro momento esperava-se uma redução. Entretanto é importante considerar que as mulheres com menos escolaridade têm a sua taxa de fecundidade alta e a proporção do componente “não desejado” é pequena indicando que elas não desejam diminuir significativamente o seu número de filhos permanecendo com uma taxa de fecundidade alta. Já as mulheres com maior instrução possuem uma taxa de fecundidade real baixa e desejam reduzir ainda mais este número fazendo com que a proporção “não desejada” seja significativa sobre o total de filhos.

Tabela 1.2

BRASIL, 1996.

NÚMERO IDEAL DE FILHOS SEGUNDO NÍVEL DE INSTRUÇÃO DA ENTREVISTADA E DO PARCEIRO.

□ Nível de instrução □ □ □ Da mulher □ Do marido

(*) □ □ Nenhum □ 2.66 □ 2.68 □ □ Primário □ 4.48 □ 2.64 □ □ Secundário □ 2.20 □ 2.25 □ □ Superior □ 2.24 □ 2.30 □ □ Fonte: Wong (1998) baseado nos dados básicos da PNDS/96

Não foi possível realizar os testes diferenciais pois a autora não forneceu as variâncias.

(*) No caso das mulheres atualmente casadas.

Tabela 1.3

BRASIL, 1995-1996

TAXAS DE FECUNDIDADE TOTAL MARITAL SEGUNDO SEUS COMPONENTES (DESEJADA E NÃO DESEJADA) POR TAMANHO DA LOCALIDADE E EDUCAÇÃO DA MULHER E DO MARIDO

□ Componentes da TFTM □ Proporção (%) do componente 'Não desejado' □ □ □ Total □ Desejado □ Não desejado □ □ □ Nível de educação da

mulher [] [] [] [] [] Sem

instrução [] 5.68 [] 4.98 [] 0.70 [] 12.30 [] [] Primário [] 4.53 [] 3.54 [] 0.99 [] 21.88 [] [] Secundári
o [] 4.05 [] 2.96 [] 1.09 [] 26.95 [] [] Superior [] 3.23 [] 2.25 [] 0.98 [] 30.35 [] [] [] [] [] [] [] [] Nível

de educação do marido [] [] [] [] [] Sem

instrução [] 5.78 [] 4.50 [] 1.28 [] 22.10 [] [] Primário [] 4.51 [] 3.52 [] 0.99 [] 21.99 [] [] Secundári
o [] 3.93 [] 2.82 [] 1.11 [] 28.25 [] [] Superior [] 3.46 [] 3.00 [] 0.47 [] 13.49 [] []

Fonte: Wong

(1998) baseado nos dados básicos da PNDS/96

(*) estimado através do número de anos de instrução.

Deste modo ao se basear no pressuposto de que o número ideal de filhos seja um bom indicador da fecundidade no médio prazo, surge a hipótese de que "... a educação do marido é um instrumento razoável para nos aproximarmos, com sucesso, dos níveis a serem alcançados pela fecundidade." (Wong, 1998 p. 2979)

Adicionalmente as estimativas da fecundidade desejada também nos oferecem um indicador de até que ponto o número de crianças poderia se reduzir se as esposas fossem bem sucedidas na implementação de suas escolhas reprodutivas. Introduzindo uma idéia de que as políticas de saúde no campo da reprodução ainda deixam muito a desejar em nosso país.

“Por outro lado, é bom lembrar que as mulheres também não abandonaram a maternidade como parte importante de seu projeto de vida. Continuam desejando constituir família, ter filhos, e cuidar deles, embora sua entrada no mercado de trabalho indique que a relevância desta atribuição começa a ser relativizada pela importância de suas atividades no campo da produção.” (Arihã, 1998 p. 5). Ou seja a maternidade é cada vez mais um questão de preferências onde as mulheres assumiram o direito de se realizar em outras áreas que não a reprodução, gozando de uma certa autonomia, para se tornarem titulares de suas vidas.

III –PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO: O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE.

O crescimento da participação feminina no mercado de trabalho é cada vez mais intenso sendo um fenômeno irreversível. A PEA (Participação Economicamente Ativa) feminina supera hoje a marca de 40% do total da PEA metropolitana no Brasil. O aumento das trabalhadoras no mercado vem sendo observado desde os

⁸ \ Añc
□@~□□□X□
□□□ÁáÁ@□□&19X□
□□□À‘ÆA “?”□□Y□
ÿ□□DX□
ÁDW□
À□□-□

D[□□À□□28/9/200520

[□□□½□□□X19](#)

anos setenta, década em que houve destacada expansão econômica, crescente urbanização e ritmo acelerado de industrialização.

Este novo padrão de comportamento feminino poderia ser explicado pela mudança no atual contexto de queda da fecundidade ocorrida também neste mesmo período. Afinal não é apenas coincidência que os dois processos tenham ocorrido ao mesmo tempo. A idéia central é que a redução da fecundidade teria reduzido o número de horas dedicadas ao trabalho doméstico de cuidar dos filhos, liberando as mulheres para o mercado de trabalho.

A mulher tem obtido um maior espaço dentro da vida pública e se inserindo no mercado de trabalho em busca de melhores condições de vida para a sua família ainda que a demanda pela sua presença dentro de casa seja desejável para manter a ordem doméstica supervisionando o crescimento dos filhos.

A conciliação entre a maternidade e o trabalho está intimamente ligada com a disponibilidade geral de tempo das mães. Assim a presença de filhos é um fator importante para a participação feminina no mercado de trabalho, definindo o número de horas a ser disponibilizado para as atividades produtivas, já que as tarefas de cuidar, educar e proteger os filhos exigem tempo e esforço sendo ainda praticamente de responsabilidade das mães.

Ainda não foi observada nenhuma redistribuição significativa de papéis entre os pais, ou seja, a participação dos homens no âmbito doméstico pouco mudou e sua presença na companhia dos filhos tem sido menor do que a das mães. Um resultado que ilustra este fato é o da Pesquisa de Padrão de Vida (PPV) realizada pelo IBGE, entre 1996 e 1997, nas regiões Sudeste e Nordeste, representando cerca de 2/3 da população total do país. Os dados revelam que os homens gastavam 43 horas por semana no trabalho produtivo e as mulheres 36 horas. Já no trabalho doméstico elas gastam 36 horas por semana, enquanto os homens trabalham, apenas, 14 horas, verificando-se ainda que do total de trabalhadores na população 79% das mulheres dedicavam algum tempo ao trabalho doméstico contra apenas 29% dos homens. Mesmo quando as mulheres possuem salário a negociação das tarefas continua sendo difícil, análises dos dados da PNDS96 (para mulheres brasileiras unidas) indicam que 51% das mulheres brasileiras em idades reprodutivas estavam trabalhando e que aproximadamente 23% destas tinham filhos menores que cinco anos, dentro deste grupo 23% das mulheres é que cuidam dos seus próprios filhos e apenas em 4% dos casos é o marido que exerce esta tarefa. Conclui-se, portanto que as obrigações dentro

de casa praticamente continuam voltadas para as mães e diante dessa abordagem as diferenças de gênero não só podem como têm afetado a participação feminina no mercado de trabalho□.

Em verdade um maior número de crianças demanda um maior tempo da mãe, mas o número de filhos não é o único determinante para a entrada da mulher no mercado de trabalho, a sua idade também se torna decisiva nesta questão: diferentes idades exigem diferentes cuidados maternos. Segundo Cristina Bruschini (1998) em 1985, 78% das crianças de zero a seis anos das regiões metropolitanas ficavam com suas mães a maior parte do tempo e apenas 23,2% estavam freqüentando creches ou pré-escolas. Mas quando os filhos crescem e as mães podem ser substituídas ou pelo menos ajudadas pela escola, sua disponibilidade para o trabalho volta a aumentar.

Cerca de 41% das mães de filhos maiores de sete anos trabalhavam em 1980.

Quanto menor a idade das crianças, maior a disponibilidade de tempo que a mãe tem que ter para se dedicar a elas, pois as crianças menores exigem muito mais atenção e, portanto uma maior dedicação das mães já que estas são consideradas ainda muito indefesas para ficarem por conta de babás. Estas alternativas de cuidados substitutivos como creches, empregadas domésticas, redes de parentesco, de um modo geral arranjos de child care□, não são de fácil acesso. A precariedade de

²□ú□Ë@□□&□Y□□□□□D□□É©Ñ¼i□□X□□ÿ□□DY□□ÀDX□□À□□-□□□½□□□Y□□□□□□

...ú@□□□`n@□□□□

□Y□□□□□ËjE¶óyi?□□&□Y□

□□□□±o«Bi•?□□X□

ÿ□□DY□□ÀDX□□À

□□-□□□□□

□Y□□□□□Ú-ú`m□□@□□

□Y□

□□□□i§ÆK§\@□□&□Y□

□□□□0î-r'—?□□Z□

ÿ□□DY□

ÀDX□

À□□-□□□□□□□Y□

□□□½□□□Y□

D[□□À□□28/9/200526

□'□Àüà@(□□0}@□□ý□□□Z□□□□□X□□□□□□□Z□□□□□□□

políticas governamentais que atendem às demandas por creches acaba impedindo as mães de trabalhar fora de casa, principalmente entre as mulheres mais pobres, já que estas não possuem condições financeiras apropriadas para pagar por qualquer tipo de arranjo de child care. Com base nos dados da PPV segundo Ferreira e Camargo (2002), do total de crianças entre 0 e 3 anos de idade, nos 40% da população mais pobre 3,1% freqüentam creches públicas, sendo que 97,8% desta população não freqüentam nenhum tipo de creche, indicando que neste segmento ou as crianças estão em creches públicas ou não estão em nenhuma creche. Já os 40% mais ricos da população de crianças desta idade, 2,7% freqüentam escolas públicas e 88,1% não vão à nenhuma escola. Apesar dos dados da PPV não deixar explícito pode-se supor que aproximadamente 9,2% deste último grupo freqüentam creches privadas.

Ainda que as mães tentem obter algum tipo de ganho no mercado de trabalho, perante as péssimas condições que este oferece principalmente para as mulheres com baixa renda que não possuem formação adequada, o resultado financeiro de seu esforço nem sempre é suficiente para cobrir os custos com formas remuneradas de cuidado infantil. Conseqüentemente a incidência da idade dos filhos deve ser ainda maior entre a população feminina mais pobre.

Tabela 2.1

**TAXAS FEMININAS DE ATIVIDADE,
SEGUNDO O NÚMERO E A IDADE DOS FILHOS.***

Idade do último filho vivo	1970	1980	Sem	1 filho	Mais de 1	Sem	1
filho	mais de 1	Brasil	22.7	16.7	13.3	38.8	29.5
filhos	22.5	0.0	0.0	38.8	0.0	0.0	Até 6
anos	0.0	13.2	11.0	0.0	26.1	20.9	7 a 14
anos	0.0	24.4	18.7	0.0	41.2	30.3	15 anos e
mais	0.0	24.1	20.2	0.0	42.0	33.2	* Porcentagem de trabalhadoras entre
mulheres de 15 a 49 anos, que são chefes de família ou cônjuges.							

Fonte: Bruschini (1998). Tabulações especiais do censo de 70 e 80.

Por outro lado os filhos em idades maiores tende a afetar diferentemente a participação feminina na PEA, já que estes impõem um maior custo financeiro para os pais ao necessitar de boas escolas (as quais na maioria das vezes são as particulares) e condições ideais para o estudo como, por exemplo, o material escolar. Adicionalmente em camadas com uma melhor situação econômica os filhos também

demandam outras atividades extra classe, como escolinhas para a prática de esportes e aulas de idiomas: resumidamente exigem uma maior renda familiar, e para suprir estas demandas adicionais as mães acabam saindo à procura de trabalho.

Um outro agravante para o trabalho das mães fora de casa é as características impostas pelas atividades formais as quais exigem deslocamento de casa para o trabalho e o mais importante: a rigidez de horários pré-determinados. Uma saída para quem tem que tomar conta de seus filhos seria o ingresso em atividades mais flexíveis (informais) ou em trabalhos autônomos (conta própria) onde a conciliação de papéis seria mais fácil devido à flexibilidade de horário e às jornadas mais curtas que esses empregos oferecem permitindo o ajustamento dos cuidados com as crianças e a atenção com o trabalho. O crescimento da informalidade no mercado de trabalho tem aberto espaço para a atividade feminina. “... no início dos anos noventa, nas áreas urbanas, o sexo feminino está sobre-representado no emprego precário, informal e nas ocupações quase ou não regulamentadas e altamente flexíveis, desqualificadas (trabalho doméstico) ou de qualificação não reconhecida porque não remunerada (trabalho familiar).” (Wajnman, Queiroz e Liberato, 1998, p 2432). As mulheres possuem uma alta probabilidade de trabalharem com jornadas curtas, é o que diz o artigo de Gonzaga, Leite e Machado (2002).

Estudos mostram que nas idades muito jovens (provavelmente aquelas que coincidem com a idade reprodutiva), a predominância é de trabalhadoras sem carteira e à medida que se avança na estrutura etária em direção às idades mais velhas (onde os filhos já estão maiores), cresce a importância relativa das trabalhadoras com carteira□.

²⁸ □DZ□□ÀDY□□À□□-□□□□□
 □Z□□□□□} ?5^□úÊ@□□&□Z□□□□□□□NF~ĐªR¿□□Y□□ÿ□□DZ□□ÀDY□□À□□-□□□½□□□Z
 □□□□□A:ú@□□□°p@□□□`V@□□□□□&□Z□ □□□@vc□‡Ý^¿□□Y□
 ÿ□□DZ□□ÀDY□□À□□} -□□□□□

IV - A RENDA FAMILIAR E O TRABALHO DA MULHER.

A década de setenta foi marcada por um intenso processo de industrialização e urbanização. Já os anos oitenta foram caracterizados por uma estagnação e conseqüente recessão. No período que se seguiu dos anos noventa iniciou-se um processo de abertura da economia com o presidente Collor, juntamente com políticas fracassadas de combate à inflação crescente as quais atingiram recessivamente o país.

As medidas de política monetária praticada pelo presidente Itamar Franco para sustentar o Plano Real em 1994 foram de desvalorizações cambiais e manutenção de elevadas taxas de juros sem que houvesse um recuo na aceleração da abertura da economia. Estas políticas tiveram um grave impacto no setor produtivo significando um crescente grau de concorrência na estrutura econômica brasileira reduzindo a atividade de produção e conseqüentemente aumentando as taxas de desemprego estrutural.

}- [] [] [] [] []
[] Z [] [] [] [] [] 'È [] H [] y [] @ [] []
[] Z []
[] [] [] [] [] • C < Ä \ @ [] [] & [] Z []
[] [] [] [] ip À û Tp ? [] [] [] []
ÿ [] [] DZ []
ÁDY []
À [] [] - [] [] [] [] [] [] [] Z []
[] [] [] ½ [] [] [] Z []

D[□□À□□28/9/200531

□'□□□á@(□□p}@□□ý□□□[□□□□□Y□□□□□□□[□□□□□□□

Ao enfrentar a estagnação da economia e empobrecimento generalizado que atingiu inclusive a classe média brasileira nos anos oitenta e as crises sucessivas de oferta de emprego, a participação da mulher na atividade econômica contribuiu para a sustentação da renda familiar. De acordo com Ferreira e Barros (1999) entre 1976 e 1996 houve uma melhora na renda relativa da mulher trabalhadora comparativamente à renda dos homens, tendo um efeito positivo na redução da pobreza.

A redução dos postos de trabalho decorrente da industrialização e terceirização deixou muitos trabalhadores desempregados, incorrendo em uma perda da renda dos domicílios. Paralelamente a ampliação das atividades terciárias nos anos noventa e uma pequena recuperação da economia aumentou as áreas de maior atuação das mulheres como os serviços sociais, serviços pessoais voltados para as camadas de alta renda, de apoio administrativo e comércio de mercadorias, favorecendo o ingresso feminino no mercado de trabalho. A crescente informalidade presenciada dentro da estrutura econômica de certa forma também ajudou no acréscimo de mulheres na PEA. Diante desta situação as famílias passaram a ter que contar com a ajuda das mulheres para ocupar a lacuna deixada no orçamento doméstico com a redução da renda dos maridos.

A urbanização foi decisiva para a mudança no padrão de vida da sociedade a medida que impôs um maior nível de consumo à população, determinando um conjunto de bens e serviços que deveriam ser adquiridos, exigindo uma ampliação da renda para se adequar a estas novas necessidades de conforto. Conseqüentemente a renda da mulher cada vez mais passa a ser parte importante no orçamento familiar deixando de ser uma complementação e passando a ser parte definitiva da renda regular do domicílio.

A necessidade da entrada da mulher no mercado de trabalho a fim de prover melhores condições de vida perante a perda do poder de compra resultante do prolongamento da crise, aumentou a participação feminina na PEA principalmente nas regiões metropolitanas no Brasil (tabela 3.1 e 3.2).

Tabela 3.1

BRASIL 1981, 1990 e 1995

**DISTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA COM MULHER ENTRE SEUS COMPONENTES
SEGUNDO FAIXAS DE RENDA EM LINHAS DE POBREZA NA REGIÃO**

METROPOLITANA DE SÃO PAULO

Faixas de renda em linhas de pobreza □ Distribuição das famílias (a) □ Taxas

Participação feminina (b) □ % cônjuges na

PEA	1998	1990	1995	1981	1990	1995	1981	1990	1995	Menos de 1
L.P	17.3	17.7	16.5	27.4	29.5	31.4	57.6	68.8	71.5	De 1 a 2
L.p	29.1	25.6	26.1	34.6	35.7	40.2	51.5	60.4	66.1	De 2 a 4
L.P	26.7	26.0	28.3	37.4	44.7	47.2	50.9	54.4	66.0	4 e mais
L.P	24.9	26.1	25.5	43.5	50.8	52.1	58.4	64.1	65.2	Ignorados
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2.0
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4.6
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3.6
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3.6
Total	100.0	100.0	100.0	37.1	41.2	43.8	54.4	60.9	66.5	

(a) inclui as famílias sem mulher

(b) mulheres na PEA/ mulheres na PIA

(c) mulheres chefes ou cônjuges na PEA/ mulheres na PEA

Fonte: Leone E.T. (1999) baseado nos dados da PNAD (1981, 1990 e 1995).

Tabela3. 2

BRASIL 1981, 1990 E 1995

TAXAS DE PARTICIPAÇÃO FEMININA (TOTAL DE MULHERES) SEGUNDO FAIXAS DE RENDA FAMILIAR, EM LINHAS DE POBREZA (LP), NAS REGIÕES METROPOLITANAS DE SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO, RECIFE E PORTO ALEGRE.

Faixas de renda em linhas de pobreza	São Paulo			Rio de Janeiro			Recife			Porto Alegre		
	1981	1990	1995	1981	1990	1995	1981	1990	1995	1981	1990	1995
Menos de 1 L.P.	27.4	29.5	31.4	25.7	32.1	32.8	23.4	26.2	33.7	28.3	30.1	39.1
De 1 a 2 L.P.	34.6	35.7	40.2	31.2	38.9	40.2	28.9	36.2	39.0	34.6	42.1	44.8
De 2 a 4 L.P.	37.4	44.7	47.2	37.8	40.3	46.4	37.4	44.1	43.8	44.3	47.8	54.0
4 e mais L.P.	43.5	50.8	52.1	41.8	47.3	47.8	38.8	48.6	44.8	47.7	51.2	57.3
Total	37.1	41.2	43.8	33.7	38.5	41.9	27.9	34.5	38.5	39.9	43.9	49.9

Fonte: Leone E.T. (1999) baseado nos dados da PNAD (1981, 1990 e 1995).

Independentemente das faixas de renda as ampliações da participação femininas são generalizadas, mas concentradas principalmente nas camadas mais altas. O aumento da taxa de participação feminina (do total de mulheres) na região metropolitana de São Paulo no período de 1981 a 1995 nas famílias na faixa de 1 na linha de pobreza foi de 14,6% (o menor acréscimo dentre as faixas) enquanto que na faixa de 2 a 4 linhas de pobreza foi de 26,20% (o maior acréscimo observado). A confirmação deste fato é feita com a verificação em outras metrópoles como Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre. A menor participação das famílias de baixa renda se deve provavelmente pela menor escolaridade, maior número de filhos, maior demanda de tempo em atividades domésticas e pelos menores salários oferecidos. Apesar disso a participação feminina nas camadas mais baixas no mercado vem acelerando o seu ritmo, de 1981 para 1990 na faixa de renda de 1 a 2 linhas de pobreza houve um aumento de 3,18% já a variação de 1990 para 1995 foi de 12,60% enquanto que nas camadas mais altas (de 2 a 4 linhas de pobreza) este ritmo diminuiu de 19,52% na variação de 1981 a 1990 para 5,60% de 1990 a 1995. Esta mudança foi uma provável consequência do aumento da escolaridade, da redução da fecundidade e de uma ligeira recuperação da economia nos anos noventa.

Ainda que a inserção das mulheres no mercado de trabalho seja maior nos níveis de renda mais altos a sua importância para a obtenção de melhores condições de vida ocorre nas camadas mais pobres da população, aonde a sua contribuição vem sendo um fator decisivo na transposição das famílias para níveis de renda superiores (tabelas 3.3 e 3.4). Na avaliação das mudanças da distribuição das famílias segundo níveis da renda devido ao trabalho da mulher na região metropolitana de São Paulo, 44,60% das transposições ocorridas foram na faixa de renda per capita de menos de 1 linha de pobreza e somente 18% em 4 e mais linhas de pobreza. Este resultado é óbvio sob o argumento de que a renda total nas camadas mais baixas é bem menor e qualquer aumento por menor que seja representará uma grande parte da renda sendo bastante significativo na renda como um todo. Nas famílias mais ricas a renda total é maior e, portanto por maior que a renda das mulheres nesse segmento seja maior que a das mais pobres ela não representará uma parte significativa da renda total não ajudando de maneira expressiva a lograr um nível superior de renda. O mesmo se observa nas outras regiões metropolitanas da tabela 3.4.

A contribuição dos ganhos femininos tem ajudado a retirar famílias de situação de extrema pobreza e a afastar da pobreza as que já eram pobres. É bom lembrar que a queda da fecundidade nessas últimas décadas reduziu o número de pessoas dentro da família e dessa maneira ajudou a aumentar a renda per capita dentro dos domicílios.

Tabela 3.3

BRASIL 1995

MUDANÇAS NA DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS SEGUNDO FAIXAS DE RENDA PER CAPITA DEVIDO AO RENDIMENTO DO TRABALHO DAS MULHERES NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO.

Faixas de renda familiar per capita	Distribuição das famílias segundo renda familiar		Famílias que passaram para a faixa superior de renda		
	Excluída a renda do trabalho da mulher (A _i)	Incluída a renda do trabalho da mulher (B _i)	(a) % em relação ao total de famílias	% em relação ao total de famílias que se deslocaram	(b) (5) em relação às famílias da primeira coluna
Menos de 1 L.P.	22.7	16.5	6.2	44.6	27.3
De 1 a 2 L.P.	25.1	26.1	5.2	37.4	20.3
De 2 a 4 L.P.	25.6	28.3	2.5	18.0	9.7
4 e mais L.P.	23.0	25.5	-	-	-
ignorado	3.6	3.6	-	-	-
total	100.0	100.0	13.9	100.0	13.9

OBS.: (a) Equivale a calcular $(A_i - B_i) + (A_{i-1} - B_{i-1})$ e indica a proporção de famílias que estaria na faixa de renda imediatamente anterior não fosse a renda do trabalhado da mulher.

(b) O calculo realizado é $[(A_i - B_i) + (A_{i-1} - B_{i-1})] / A_i$ e indica a proporção de famílias de cada faixa de renda que se deslocou para faixa de renda imediatamente superior devido à renda do trabalho da mulher.

Fonte: Leone E.T. (1999) baseado nos dados da PNAD (1981, 1990 e 1995).

Tabela 3.4

BRASIL, 1995

MUDANÇAS DA DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS SEGUNDO FAIXAS DE RENDA PER CAPITA DEVIDO AO RENDIMENTO DO TRABALHO DA MULHER NAS REGIÕES METROPOLITANAS DE SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO, RECIFE E PORTO ALEGRE.

Faixas de renda familiar per capita	Famílias que passaram para a faixa superior de renda											
	São Paulo			Rio de Janeiro			Recife			Porto Alegre		
	(a) % em relação ao total de famílias	% em relação ao total de famílias que se deslocaram	(b) (5) em relação as famílias da primeira coluna	(a) % em relação ao total de famílias	% em relação ao total de famílias que se deslocaram	(b) (5) em relação as famílias da primeira coluna	(a) % em relação ao total de famílias	% em relação ao total de famílias que se deslocaram	(b) (5) em relação as famílias da primeira coluna	(a) % em relação ao total de famílias	% em relação ao total de famílias que se deslocaram	(b) (5) em relação as famílias da primeira coluna
Menos de 1 L.P.	6.2	44.6	27.3	6.0	44.1	21.7	5.6	57.1	12.6	7.1	40.8	30.6
De 1 a 2 L.P.	5.2	37.4	20.3	4.7	34.6	17.9	2.9	29.6	11.5	6.1	35.1	23.6
De 2 a 4 L.P.	2.5	18.0	9.7	2.9	21.3	13.6	1.3	13.3	9.7	4.2	24.1	18.2
4 e mais L.P.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ignorado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	13.9	100.0	13.9	13.6	100.0	13.6	9.8	100.0	9.8	17.4	100.0	17.4

Obs.: (a) Equivale a calcular $(A_i - B_i) + (A_{i-1} - B_{i-1})$

(b) O calculo realizado é $[(A_i - B_i) + (A_{i-1} - B_{i-1})] / A_i$

Fonte: Leone E.T. (1999) baseado nos dados da PNAD (1981, 1990 e 1995).

V – ANÁLISE ECONOMÉTRICA DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA PEA.

V. I – OS DETERMINANTES

Os determinantes¹² da participação feminina examinados são apresentados na tabela 4.1. A relevância da idade é vista pela probabilidade das mulher estar em idade reprodutiva

⁶C°ei?...\...ý...D[...ÀDZ...À...-...
□[...□□□□B`âD²;Ë@...&□[...□□□□□£‘æÉsf?□□Z□□ý...D[...ÀDZ...À...-...□□□½□□□□[□□□

D[□□À□□28/9/200540

□□Á×û@□□□@l@□□□□

o que indicaria que ela estaria em casa para cuidar dos filhos. Uma outra interpretação seria a de aquisição de experiência e educação ao longo dos anos.

A educação é um fator crucial na obtenção de emprego, já que cada vez mais o mercado de trabalho exige um maior nível de escolaridade. A utilização de *dummies* ao invés de anos de estudos se justifica pela não-linearidade que elas apresentam no processo. Esta categoria foi dividida a cada dois anos de estudo.

A dimensão da idade também é incluída na regressão por um conjunto de variáveis *dummies*, só que a cada intervalo quinquenal, incluindo as mulheres de 20 a 59 anos de idade.

As regiões foram colocadas com o intuito de medir as disparidades regionais na influencia sobre a participação feminina.

A fecundidade estaria representada pelas variáveis “*kidageto*”, indicando o número total de filhos com até 14 anos de idade e a variável “*ykid*” determinaria o efeito do status das crianças ao representar a idade do filho mais novo dentro do domicílio.

O determinante escolhido para a mensuração do efeito-renda nesta equação de oferta de trabalho é o “*faunic*”, ele capturara o papel da pobreza ou da baixa renda no aumento da participação feminina na força de trabalho. Foram inseridas as variáveis “*agewm*” e “*wmoredu*” que aumentariam as chances de uma separação conjugal a qual poderia induzir um aumento feminino na PEA.

Tabela 4.1

	Variáveis	
	Lfp	dummy para a participação na PEA
Idade (variáveis dummies)	age20	(omitida) as mulheres de 20 a 24 anos
	age25	mulheres de 25 a 29 anos
	age30	mulheres de 30 a 34 anos
	age35	mulheres de 35 a 39 anos
	age40	mulheres de 40 a 44 anos
	age45	mulheres de 45 a 49 anos
	age50	mulheres de 50 a 54 anos
	age55	mulheres de 55 a 59 anos
Educação (variáveis dummies)	ed0	mulheres analfabetas
	ed1	mulheres com 1 a 2 anos de estudo
	ed2	mulheres com 3 a 4 anos de estudo
	ed3	mulheres com 5 a 6 anos de estudo

	ed4	mulheres com 7 a 8 anos de estudo
	ed5	mulheres com 9 a 10 anos de estudo
	ed6	mulheres com 11 a 12 anos de estudo
	ed7	mulheres com 13 a 14 anos de estudo
	ed8	mulheres com 15 a 16 anos de estudo
Regiões (variáveis dummies)	reg1	região Norte
	reg2	região Nordeste
	reg3	(omitida) região Sudeste
	reg4	região Sul
	reg5	região Centro-oeste
	Met	região metropolitana
Status da criança	Kidageto	número total de filhos com até 14 anos
	Ykid	idade do filho mais novo
Renda	Faunic	renda do trabalho do marido e a renda de não-trabalho do marido e da mulher
Probabilidade de uma separação	agewm	diferença de idade entre a mulher e o homem
	wmoredu	Diferença de educação entre a mulher e o homem
	Lfp19	dummy indiacando se a mulher começou a trabalhar até os 19 anos de idade
	inte	interação entre a variável ykid e a variável defasada lfp19

A *dummy* “*lfp19*” indicando se a mulher começou a trabalhar até os 19 anos de idade seria segundo Rios Neto (1996) a variável que no espírito de Nakamura e Nakamura permitiria a redução do viés de predição causado pela correlação entre as preferências não observadas e pré-condições temporais no mercado de trabalho com o status da criança, pois o gosto por trabalho de carreira por parte das mulheres pode estar associado com uma demanda por poucos filhos.

V.II – DADOS E MÉTODO

A escolha da Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios de 1999 como base de dados para este estudo se deve ao fato da mesma ser a fonte de variáveis que melhor se adequa à este modelo.

O sistema de pesquisas domiciliares, implantado progressivamente no Brasil a partir de 1967 tem como finalidade investigar dezenas de milhares de domicílios de cada vez,

permitindo a nível agregado um acompanhamento sistemático do quadro socioeconômico do país. Na PNAD de 1999 foram pesquisadas 352 393 pessoas e 115 655 unidades domiciliares por todas as unidades da Federação. O período de referência de 365 dias foi o período de 26 de setembro de 1998 a 25 de setembro de 1999. Visando manter a homogeneidade dos resultados produzidos a partir de 1992, as estatísticas da PNAD apresentadas para a Região Norte referem-se somente à sua parcela urbana, não agregando, portanto, as informações da área rural exceto o Estado de Tocantins, a única Unidade da Federação dessa Grande Região em que o levantamento não se restringiu às áreas urbanas. Ademais, as estatísticas apresentadas para o Brasil foram obtidas considerando as informações de todas as áreas pesquisadas, representando, portanto, a totalidade do País, com exceção somente da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

De acordo com a PNAD foram consideradas Pessoas Economicamente Ativas aquelas que no período de referência especificado tinham trabalho durante todo ou parte desse período, incluindo-se as que não exerceram o trabalho remunerado que tinham por motivo de férias e etc. Também se incluiu nesta categoria as pessoas sem trabalho que tomaram alguma providência efetiva de procurar emprego dentro deste período.

Os dados apresentados nas séries das variáveis se referem às mulheres cônjuges dando um total de 37 905 observações das 352 393 contidas na PNAD. As variáveis sob o domínio desta população apresentaram as características descritas na tabela abaixo.

Tabela 4.2

MÉDIA DAS VARIÁVEIS

Variable	Obs	Weight	Mean	Std.Dev	Min	Max
lfp	37905	17489350	0.58189	0.49325	0	1
Age25	37905	17489350	0.18431	0.38774	0	1
Age30	37905	17489350	0.22632	0.41845	0	1
Age35	37905	17489350	0.20818	0.40601	0	1
Age40	37905	17489350	0.14	0.34699	0	1
Age45	37905	17489350	0.07797	0.26813	0	1
Age50	37905	17489350	0.03487	0.18345	0	1
Age55	37905	17489350	0.0122	0.1098	0	1
Ed1	37905	17489350	0.07871	0.26929	0	1
Ed2	37905	17489350	0.24661	0.43104	0	1
Ed3	37905	17489350	0.12482	0.33052	0	1
Ed4	37905	17489350	0.15164	0.35868	0	1

Ed5	37905	17489350	0.04749	0.21269	0	1
Ed6	37905	17489350	0.16234	0.36877	0	1
Ed7	37905	17489350	0.01633	0.12674	0	1
Ed8	37905	17489350	0.05223	0.22249	0	1
reg4	37905	17489350	0.17283	0.3781	0	1
reg2	37905	17489350	0.28026	0.44913	0	1
reg5	37905	17489350	0.07365	0.2612	0	1
reg1	37905	17489350	0.0472	0.21208	0	1
met	37905	17489350	0.28586	0.45183	0	1
kidageto	37905	17489350	1.93498	1.09163	1	10
ykid	37905	17489350	5.9176	4.30345	0	14
faunic	37905	17489350	664.915	1048.47	0	30000
agehwm	37905	17489350	-4.1122	6.51894	-75	30
wmoredu	37905	17489350	0.3033	3.30719	-16	15
Lfp19	37905	17489350	0.52807	0.49922	0	1

O modelo escolhido para se estimar da participação feminina na PEA foi um *probit*, cuja escolha se deve a algumas de suas características bem como à sua melhor adequação aos dados. A primeira característica seria a necessidade de um modelo com a variável dependente sendo uma variável dummy (a mulher participa da PEA ou não), assegurando que as probabilidades estimadas se situem no limite de zero a um. A segunda seria que o modelo probit se baseia em uma função de distribuição acumulativa padronizada normal, isto quer dizer que não é um modelo em que acréscimos das variáveis explicativas não geram acréscimos marginais lineares (iguais) na variável dependente. Por exemplo, a probabilidade de uma mulher estar na PEA não vai aumentar muito com o acréscimo de mais uma criança se ela já estiver com um nível baixo de filhos, assim como a partir de um número alto de filhos se ela tiver mais um filho as chances de não estar trabalhando diminui menos do que antes.

Entretanto modelos econométricos que abordem a oferta de trabalho apresentam algumas dificuldades de estimação como, por exemplo, a simultaneidade que gera vieses de especificação dos coeficientes dentro de uma regressão tornando-os inconsistentes para a resolução de testes de hipóteses. Teoricamente podemos perceber que reduções no número de filhos poderia ter liberado as mulheres para o trabalho abrindo novas oportunidades de emprego, mas também seria razoável supor que um aumento do trabalho teria levado as mulheres a terem menos filhos por pensarem mais na sua carreira profissional. A idéia é que há uma relação de “mão-dupla” entre esses dois processos

sendo difícil comprovar quem determina quem, se é a fecundidade que determina o trabalho feminino ou se é o trabalho que determina a fecundidade. Mas dentro do contexto abordado anteriormente é possível pensar que osÀ□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/200548

□3□□□□□ù1æ®%äß?~□□□3□□□□□□□£@□□

D[□□À□□28/9/200549

□3□□□□□ü©ñÒMb@?□□&□3□ □□□□□□□□□Đ?□□2□
ÿ□□D3□□ÀD2□□À□□-□□□~□□□3□□□□□□x!@□□

□

□□□à³/₄

D[□□À□□28/9/200551

œ3ç?□□&□3□

□□□~UÜlé³Í?□□4□

ÿ□□D3□

2□

À□□-□□□□□□□3□

□□□½□□□3□

□'□`là@(□□0...@□□ý□□□4□□□□□2□□□□□□4□□□□□□□

--	--	--	--	--	--

--	--	--	--	--	--

--	--	--	--	--	--

--	--	--	--	--	--

□	Ó+e□â~?	□&□4□	□®□'¾\	Ê?□□5□	□□D4□
---	---------	-------	--------	--------	-------

?□□&□7□ □□□ TMTMTMTMTM¹?□□6□

ÿ□□D7□□ÀD6□□À□□-□□□~□□□7□□□□□□øç@□□

□7□

□□□8gDiođμ?□□&□7□

□—N'@□□&□;□□□□□P□Ò''®Đ?□□:□□ÿ□□D;□□ÀD:□□À□□-□□□□□

D[À28/9/2005586

0|¿?ÿD>ÀD=À-~>7@&>x
®Gáz'¿=ÿD>ÀD=À-

D[□□À□□28/9/2005587

□>□□□□□iÀ9#J;□@~□□□>□□□□□¶\$@□□

□>□□□□□^...ZÓ¼ãt?□□&□>□ □□□8fó18Í?□□=□

ÿ□□D>□□ÀD=□□À□□-□□□~□□□>□□□□□□H|@□□

D[□□À□□28/9/2005589

□>□

□□□Vÿ«-Ø_Ú?□□&□>□

□□□p□<¯ídÒ'□□?□

590 □□□

□[□□□□□Óšæ□§(□@~□□□[□

□□□□□Ç@□□&□[□

□□□□7rEšÝš?□□\□

ÿ□□D[□

ÀDZ□

À□□-□□□□□□□[□

□□□½□□□[□

□'□`□á@(□□□~@□□ý□□□\□□□□□Z□□□□□□□\□□□□□□□

□\□□□□□□□^)È□o]@

ÿ□□D>□

ÀD=□

À□□-□□□□□□□>□

□□□^{1/2}□□>□

□'□@-à@ (□□(, @□□ý□□□?□□□□□=□□□□□□?□□□□□□□

D[□□À□□28/9/2005593

□?□□□□□>æ□§èôW@□□&□?□□□□□□, <□^am_ι□□@□□ÿ□□D?□□ÀD>□□À□□

D[□□À□□28/9/2005595

?□□ÀD>□□À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005596

□?□□□□□Ó¼ã□□I□@~□□□?□□□□□□,£@□□□

□?□□□□9'Èv³/₄ÿz?□□&□?□ □□□□“““Ñ?□□>□
ÿ□□D?□□ÀD>□□À□□-□□□~□□□?□□□□□□”!@□□

D[□□À□□28/9/2005598

□?□

□□□δIV}®à?□□&□?□

D[□□À□□28/9/2005599

□□□\^g□δĐ?□□@□

ÿ□□D?□

ÀD>□

À□□-□□□□□□□?□

□□□½□□□?□

□'□

šà@ (□□°f@□□×□D□Æ, □□l□F□<□B□X□F□F□V□V□V□V□V□R□V□V□V□V
□V□V□V□V□L□R□V□V□V□V□V□V□V□R□R□□□□□@□□□□□ÿ□□□T0□□
-□□□□□A□□□□□ÿ□□□b□□□□□□□□□B□□□□□ÿ□□□□□□□b□□□□□C□□
□□□ÿ□□□1□□□6□□□□□D□□□□□ÿ□□□°□□□

□□□□□E□□□□□ÿ□□□□□□□□□□□□□□□F□□□□□ÿ□□□□□□□□□□□□
□G□□□□□ÿ□□□b□□□□□□□□□□H□□□□□ÿ□□□□□□□□□□b□□□□□I□□□□□ÿ□
□□8□□□2□□□□□J□□□□□ÿ□□□□□□□□□□□□□□□K□□□□□ÿ□□□æ□□□b□□
□□□L□□□□□ÿ□□□b□□□æ□□□□□M□□□□□ÿ□□□□□□□□□□□□□□□N□□□□
□ÿ□□□□□□□□□□b□□□□□O□□□□□ÿ□□□□□□□□□□□□□□□P□□□□□ÿ□□□æ□□□
□□□□□□□□□□Q□□□□□ÿ□□□□□□□□□□æ□□□□□R□□□□□ÿ□□□□□□□□~□□□□□S□
□□□□□ÿ□□□□□□□□□□□□□□□T□□□□□ÿ□□□b□□□□□□□□□□U□□□□□ÿ□□□b
□□□□□□□□□□V□□□□□ÿ□□□b□□□'□□□□□W□□□□□ÿ□□□å□□□□□□□□□□
X□□□□□ÿ□□□□□□□□□□□□□□□□Y□□□□□ÿ□□□□□□□□□□□□□□□Z□□□□□ÿ□

D[□□À□□28/9/2005602

□□æ□□□□□□□□[□□□□□ÿ□□□|0□□□□□□□□\□□□□□ÿ□□□□□□□æ□□□

□□□□>□□□□□□□@□□□□□□□

□@□□□□□âĐ"Ûù□[□@□□&□@□□□□□P|È®ðgÀ?□□A□□ÿ□□D@□□ÀD?□□À
□□-□□□~□□□@□□□□□□□A@□□&□@□□□□□Ø¶mÛ¶mË?□□?□□ÿ□□D@□
□ÀD?□□À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005606

□@□□□□□ŸířŮ□

@~□□□@□□□□□L¥@□□

□@□□□□□ □□^)Ë□?□□&□@□ □□□Ô

½Ð

½Ð?□□?□ ÿ□□D@□□ÀD?□□À□□-□□□~□□□@□□□□□□(!@□□

D[□□À□□28/9/2005608

□@□

□□□Ãd^aTRå?□□&□@□

D[□□À□□28/9/2005609

□□□ 0Še8íÑ?□□A□

ÿ□□D@□

ÀD?□

À□□-□□□□□□□@□

□□□½□□□@□

D[□□À□□28/9/2005611

□'□ □à@(□□□□@□□ý□□□A□□□□□?□□□□□□A□□□□□□□

D[□□À□□28/9/2005612

□A□□□□fQI□□□Z@□□&□A□□□□P&□†~úç¿□□B□□ÿ□□DA□□ÀD@□□À
□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005613

□A□□□□□Ãd^a`T,E@□□&□A□□□□□t™ÿ

¶ùĐ?□□@□□ÿ□□DA□□ÀD@□□À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005614

□A□□□□çû©ñÒ□\$@~□□□A□□□□□À;@□□

□A□□□□□”ö_~L...?□□&□A□□□□(Q»□μ+Ñ?□□@□
ÿ□□DA□□ÀD@□□À□□-□□□~□□□A□□□□□□Ú\$@□□

D[□□À□□28/9/2005616

□A□

□□□-!ôIVě?□□&□A□

D[□□À□□28/9/2005617

□□□Hđ^Ỗ

D[□□À□□28/9/2005618

Ò?□□B□

D[□□À□□28/9/2005619

ÿ□□DA□

D@□
À□□-□□

□□□□**A**□
□□□ $\frac{1}{2}$ □□□**A**□

œ□©Z@□□&□B□□□□□Àc□Ějü~?□□C□□ÿ□□DB□□ÀDA□□À□□-□□□~□□□B
□□□□□□K@□□&□B□□□□□□∞□â□□VĐ?□□A□□ÿ□□DB□□ÀDA□□À□□-□
□□□□

D[□□À□□28/9/2005625

□B□□□□□;pí^Ò>*@~□□□B□□□□□¢¥@□□

□B□□□□ÙÏ÷SãY<□□&□B□ □□□<±□;±□Ó?□□A□

ÿ□□DB□□ÀDA□□À□□-□□□½□□□B□□□□□□\$~@□□□@/@

□□□&□B□

D[□□À□□28/9/2005627

□□□□j‡Gs§Ô?□□C□

ÿ□□DB□

ÀDA□

À□□-□□□□□□□B□

□□□½□□□B□

D[□□À□□28/9/2005629

□'□@¥à@(□□è□@□□ý□□□C□□□□□A□□□□□□C□□□□□□□

□C□□□□□□6<½R□[□@□□&□C□□□□□□@Û,æYd□?□□D□□ÿ□□DC□□ÀDB□□À
□□-□□□~□□□C□□□□□□□□P@□□&□C□□□□□□@{
í%'Ç?□□B□□ÿ□□DC□□ÀDB□□À□□-□□□□□□

□C□□□□□o□□Å□□1@½□□□C□□□□□□~\$@□□□□ü?□□□□&□C□
□□□l;j½,,öÒ?□□B□
ÿ□□DC□□ÀDB□□À□□-□□□~□□□C□□□□□□f"@□□

□C□

□□□à³/₄

D[□□À□□28/9/2005633

œ3ç÷?□□&□C□

D[□□À□□28/9/2005634

□□□'đ □□Ó?□□D□

ÿ□□DC□

ÀDB□

À□□-□□□□□□C□

□□□½□□□C□

□'□

©à@(□□~□@□□ý□□□D□□□□□B□□□□□□D□□□□□□

□D□□□□□aTR'™[@□□&□D□□□□□ÀS@i»c“?□□E□□ÿ□□DD□□ÀDC□□À□□
-□□□~□□□D□□□□□□□V@□□&□D□□□□□□□□□□□Ø?□□C□□ÿ□□DD□□À
DC□□À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005638

□D□□□□ä□□ÉâO6@~□□□D□□□□□□□@□□

□D□□□□□Ô+e□âX—?□□&□D□ □□□,œùì□bÓ?□□C□
ÿ□□DD□□ÀDC□□À□□-□□□~□□□D□□□□□□'©@□□

□D□

□□□«*İÖ*Vi/ÿ?□□&□D□

D[□□À□□28/9/2005641

□□□D□:

D[□□À□□28/9/2005642

%otÔ?□□E□

ÿ□□DD□

ÀDC□

À□□-□□□□□□D□

□□□½□□□D□

D[□□À□□28/9/2005644

□'□à-à@ (□□^□@□□ý□□□E□□□□□C□□□□□□E□□□□□□□

D[□□À□□28/9/2005645

□E□□□□□^aTR'd[@□□&□E□□□□□□'ò©†ÿ~¿□□F□□ÿ□□DE□□ÀDD□□À□□-
□□□□□

D[□□À□□28/9/2005646

□E□□□□□Ãd^aT,[@□□&□E□□□□□Pß©êÆ□Đ?□□D□□ÿ□□DE□□ÀDD□□À□
□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005647

□E□□□□_~L□E^a=@~□□□E□□□□□À©@□□

□E□□□□□û:pî^Ò□?□□&□E□ □□□ØGpÁ}Ô?□□D□

ÿ□□DE□□ÀDD□□Á□□-□□□~□□□E□□□□□□□«@□□

D[□□À□□28/9/2005649

□E□

□□□Ãd^aTÒ□@□□&□E□

D[□□À□□28/9/2005650

□□□È□üytÕ?□□F□

ÿ□□DE□

ÀDD□

À□□-□□□□□□E□

□□□½□□□E□

D[□□À□□28/9/2005652

□'□À°à@(□□Ø□@□□ý□□□F□□□□□D□□□□□□F□□□□□□□

D[□□À□□28/9/2005653

□F□□□□φ'7øÂðZ@□□&□F□□□□',,+x×Ù□¿□□G□□ÿ□□DF□□ÀDE□□À□□
-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005655

□E□□ÿ□□DF□□ÀDE□□À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005656

□F□□□□□ñδJY†

D@~□□□F□□□□□â«@□□

□F□□□□□M,,

O⁻α?□□&□F□ □□□|Õ9,|æÕ?□□E□

ÿ□□DF□□ÀDE□□À□□-□□□~□□□F□□□□□□□-@□□

□F□

□□□ □/Ý\$†

D[□□À□□28/9/2005659

@□□&□F□

D[□□À□□28/9/2005660

□□□Èk-ÉÓ-×?□□G□

ÿ□□DF□

ÀDE□

À□□-□□□□□□□F□

□□□½□□□F□

D[□□À□□28/9/2005662

□'□ 'à@(□□8□@□□ý□□□G□□□□□E□□□□□□G□□□□□□□

D[□□À□□28/9/2005663

□G□□□□□-ú\mÅ□[@□□&□G□□□□□□βd;§j?□□H□□ÿ□□DG□□ÀDF□□À□□
-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005664

□G□□□□□1™*□•`i@□□&□G□□□□□?î□'vÝ?□□F□□ÿ□□DG□□ÀDF□□À□□
-□□□□□

□G□□□□xz¥,CôJ@½□□□G□□□□□□□□a@□□□□□@□□□□&□G□

□□□□À□Só

×?□□F□

ÿ□□DG□□ÀDF□□À□□-□□□~□□□G□□□□□□□□®@□□

D[□□À□□28/9/2005666

□G□

□□□f/L,□F□@□□&□G□

D[□□À□□28/9/2005667

□□□-ÖÉÇB}Ö?□□H□

ÿ□□DG□

ÀDF□

À□□-□□□□□□□G□

□□□½□□□G□

D[□□À□□28/9/2005669

□'□`,à@(□□ø□@□□ý□□□H□□□□□F□□□□□□H□□□□□□□

D[□□À□□28/9/2005670

□H□□□□□Ù=yX-Z@□□&□H□□□□□} @□<ÄŠ¿□□I□□ÿ□□DH□□ÀDG□□
À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005671

□H□□□□□~L□ĈJđq@□□&□H□□□□□

□ĪzúzÚ?□□G□□y□□DH□□ÀDG□□À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005672

□H□□□□□çE¶óýDR@~□□□H□□□□□È«@□□

D[□□À□□28/9/2005673

□H□□□□□¥½Á□&³?□□&□H□ □□□

D[□□À□□28/9/2005674

×fp=□×?□□G□ ÿ□□DH□□ÀDG□□À□□-□□□~□□□H□□□□□□ü-@□□

□H□

□□□,,

O⁻e□@□□&□H□

D[□□À□□28/9/2005676

□□□44,□@§×?□□I□

ÿ□□DH□

ÀDG□

À□□-□□□□□□□H□

□□□½□□□H□

D[□□À□□28/9/2005678

□'□@¼à@(□□□□@□□ý□□□I□□□□□G□□□□□□I□□□□□□□

D[□□À□□28/9/2005679

□I□□□□□Mó□StÜY@□□&□I□□□□□â<*□-
ÿ¿□□J□□ÿ□□DI□□ÀDH□□À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005680

□I□□□□□§yÇ)°(□@□□&□I□□□□□èòØ□-|é?□□H□□ÿ□□DI□□ÀDH□□À□□-□
□□½□□□I□□□□□□□Y@□□□È~@□□□□

D[□□À□□28/9/2005681

□I□□□□□Ýμ,,|Đ³¹?□□&□I□ □□□è□Đ,[çÖ?□□H□
ÿ□□DI□□ÀDH□□À□□-□□□~□□□I□□□□□□□□E⁻@□□

D[□□À□□28/9/2005682

□I□

□□□'Èv³/₄Ÿú!@□□&□I□

D[□□À□□28/9/2005683

□□□ □'u.×?□□J□

ÿ□□DI□

ÀDH□

À□□-□□□□□□□I□

□□□½□□□I□

D[□□À□□28/9/2005685

□'□□Àà@(□□đ~@□□ý□□□J□□□□□H□□□□□□J□□□□□□□

□J□□□□□Ø□sF”~Y@□□&□J□□□□□□¼□½-
□□¿□□K□□ÿ□□DJ□□ÀDI□□À□□-□□□~□□□J□□□□□□À□@□□&□J□□□□□
ÀAÁœ54¹?□□I□□ÿ□□DJ□□ÀDI□□À□□-□□□½□□□J□□□□□□™Ë@□□□#°@
□□□□

D[□□À□□28/9/2005687

□J□□□□□|a2U0Â?□□&□J□ □□□¼<μŠě”Ú?□□I□
ÿ□□DJ□□ÀDI□□À□□-□□□~□□□J□□□□□□°@□□

D[□□À□□28/9/2005688

□J□

□□□ÆÛμ,,|□)@□□&□J□

D[□□À□□28/9/2005689

□□□Đ²äÔv□Ū?□□K□

D[□□À□□28/9/2005690

ÿ□□DJ□

À□□-□□□□□□□J□

□□□½□□□J□

D[□□À□□28/9/2005693

□'□àÃà@(□□□,@□□ý□□□K□□□□□I□□□□□□K□□□□□□□

□K□□□□□~%äf□ÑX@□□&□K□□□□□à-ý□
#>¿□□L□□ÿ□□DK□□ÀDJ□□À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005696

□DK□□ÀDJ□□À□□-□□□½□□□K□□□□□□[Ó@□□□v⁻@□□□□

□K□□□□□3Ä±.nfÉ?□□&□K□ □□□@□&!h6Ú?□□J□
ÿ□□DK□□ÁDJ□□À□□-□□□~□□□K□□□□□□g°@□□

D[□□À□□28/9/2005698

□K□

□□□NÑ'p32@□□&□K□

D[□□À□□28/9/2005699

□□□dPÉ%j\$Ū?□□L□

ÿ□□DK□

ÀDJ□

À□□-□□□□□□□K□

□□□½□□□K□

D[□□À□□28/9/2005701

□'□ÀÇà@(□□□,@□□ý□□□L□□□□□J□□□□□□L□□□□□□□

□L□□□□□' %°áá[@□□&□L□□□□□□3-
ú°Â¿?□□M□□ÿ□□DL□□ÀDK□□À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005703

□L□□□□□-

D[□□À□□28/9/2005705

□□½□□□L□□□□□□çÛ@□□□`E@□□□□

□L□□□□□□uq□

àÑ?□□&□L□ □□□□ŪN-ü=Ù?□□K□

ÿ□□DL□□ÀDK□□À□□-□□□~□□□L□□□□□□"²@□□

□L□

□□□“□□V

D[□□À□□28/9/2005708

]:@□□&□L□

D[□□À□□28/9/2005709

□□□İ-I□ç°Ü?□□M□

ÿ□□DL□

ÀDK□

□□□½□□□L□

D[□□À□□28/9/2005713

□'□@Ëà@ (□□,f@□□ý□□□M□□□□□K□□□□□□M□□□□□□□

D[□□À□□28/9/2005714

□M□□□□□

D[□□À□□28/9/2005717

L□□À□□-□□□½□□□M□□□□□;¶ã@□□□-°@□□□□

□M□□□□□mçû©ñÒÙ?□□&□M□ □□□·YpA°uÛ?□□L□
 ÿ□□DM□□ÀDL□□À□□-□□□½□□□M□□□□□□+²@□□□W-@
□□□&□M□

D[□□À□□28/9/2005719

□□□ÄLα®,Ú?□□N□

ÿ□□DM□

ÀDL□

À□□-□□□□□□M□

□□□½□□□M□

□'□

Īà@(□□

,@□□ý□□□N□□□□□L□□□□□□□N□□□□□□□

□N□□□□□i/»'□·[@□□&□N□□□□□ ^w`U³©?□□O□□ÿ□□DN□□ÀDM□□À□□-
□□□~□□□N□□□□□□□Øi@□□&□N□□□□□□)

D[□□À□□28/9/2005723

|Z'Ý?□□M□□ÿ□□DN□□ÀDM□□À□□-□□□½□□□N□□□□□;di@□□□3±@□□□
□

□N□□□□□|>Ä °râ?□□&□N□ □□□8□βW□pÛ?□□M□
ÿ□□DN□□ÀDM□□À□□-□□□~□□□N□□□□□□»²@□□

D[□□À□□28/9/2005725

□N□

□□□9EGrùwJ@□□&□N□

D[□□À□□28/9/2005726

□□□F#e?5Ú?□□O□

ÿ□□DN□

ÀDM□

À□□-□□□□[□]□□N□

□□□½□□□N□

D[□□À□□28/9/2005728

□'□àÒà@(□□X□@□□ý□□□O□□□□□M□□□□□□O□□□□□□□

D[□□À□□28/9/2005729

□O□□□□□-ú\mÅ□\@□□&□O□□□□□□%[□□ <?□□P□□ÿ□□DO□□ÀDN□□À□
□-□□□□□

□O□□□□□-

!□uÑÍ·@□□&□O□□□□□h±s]ÔöØ?□□N□□ÿ□□DO□□ÀDN□□À□□-□□□½□□□

O□□□□□□îô@□□□‡²@□□□□

D[□□À□□28/9/2005732

□ĈTPãMnÛ?□□N□

ÿ□□DO□□ÀDN□□À□□-□□□~□□□O□□□□□□Æ³@□□

D[□□À□□28/9/2005733

□O□

□□□u□š□□fS@□□&□O□

D[□□À□□28/9/2005734

□□□□S□TłÍŸ?□□P□

ÿ□□DO□

ÀDN□

À□□-□□□□□□□O□

□□□½□□□O□

D[□□À□□28/9/2005736

□'□ÀÕà@(□□P,@□□ý□□□P□□□□□N□□□□□□P□□□□□□□

□□□□□-^£~□□?□□Q□□ÿ□□DP□□ÀDO□□À□□-□□□~□□□P□□□□□□n½@
□□&□P□□□□□□đ-
ĐC»÷đ?□□O□□ÿ□□DP□□ÀDO□□À□□-□□□½□□□P□□□□□□\đ@□□□`...@□□
□□

□P□□□□□□o□fÀÊî?□□&□P□ □□□đ-ü^{3/4}·1/4?□□O□
ÿ□□DP□□ÀDO□□À□□-□□□~□□□P□□□□□□x...@□□

D[□□À□□28/9/2005740

□P□

□□□□4□6<1X@□□&□P□

D[□□À□□28/9/2005741

□□□@R□S□;İ?□□Q□

ÿ□□DP□

ÀDO□

À□□-□□□□□□□P□

□□□½□□□P□

D[□□À□□28/9/2005743

□'□□Úà@(□□□,@□□ý□□□Q□□□□□O□□□□□□Q□□□□□□□

D[□□À□□28/9/2005744

□Q□□□□□ođ...ÉTu]@□□&□Q□□□□□ 7IPδËα?□□R□□ÿ□□DQ□□ÀDP□□À□□

D[□□À□□28/9/2005746

+•ûÆđĪ?□□P□□ÿ□□DQ□□ÀDP□□À□□-□□□½□□□Q□□□□□□Çö@□□□@g@
□□□□

□Q□□□□□Åp²{ò°i?□□&□Q□ □□□`5□□wA ĺ□□P□

ÿ□□DQ□□ÀDP□□À□□-□□□½□□□Q□□□□□□□z@□□□□Y@

□□□&□Q□

□□□□|irê□;□□R□

ÿ□□DQ□

ÀDP□

À□□-□□□□□□□Q□

□□□½□□□Q□

D[□□À□□28/9/2005750

□'□`Pa@(□□H,@□□ý□□□R□□□□□P□□□□□□R□□□□□□□

D[□□À□□28/9/2005752

{¿□□S□□ý□□DR□□ÀDQ□□À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005753

□R□□□□□□•C<LúÈ@□□&□R□□□□□hÛJ÷□ñÖ?□□Q□□ÿ□□DR□□ÀDQ□□À□
□-□□□½□□□R□□□□□A ÷@□□□ c@□□□□

□R□□□□É□⇒Uÿë?□□&□R□ □□□`ù{W¬□£¿□□Q□
ÿ□□DR□□ÀDQ□□À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005755

□R□□□□□yé&1□¬

D[□□À□□28/9/2005756

@□□

D[□□À□□28/9/2005757

□R□

□□□B`âĐ"çY@□□&□R□

D[□□À□□28/9/2005758

□□□□R>8¹□?□□S□

ÿ□□DR□

ÀDQ□

□-□□□□□□□R□

□□□½□□□R□

D[□□À□□28/9/2005762

□'□@ââ@(□□□□@□□ý□□□S□□□□□Q□□□□□□S□□□□□□□

D[□□À□□28/9/2005763

□S□□□□□<NÑ‘\B]@□□&□S□□□□□□Gy÷àú>□□T□□ÿ□□DS□□ÀDR□□À□
□-□□□□□

□S□□□□□/Ý\$†cÉ@□□&□S□□□□□@†G©<á□?□□R□□ÿ□□DS□□ÀDR□□À□
□-□□□½□□□S□□□□□a»÷@□□□`p@□□□□

D[□□À□□28/9/2005765

□S□□□□□5^I

□ë?□□&□S□

□□□□¹□5ÒÆ-¿□□R□

ÿ□□DS□□ÀDR□□À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005767

□S□□□□□™»-□□ú

D[□□À□□28/9/2005768

@□□

D[□□À□□28/9/2005769

□S□

□□□pÔxé& Z@□□&□S□

D[□□À□□28/9/2005770

□□□□SU2J(§?□□T□

ÿ□□DS□

ÀDR□

À□□-□□□□□□□S□

□□□½□□□S□

D[□□À□□28/9/2005772

□'□□æà@ (□□P~@□□ý□□□T□□□□□R□□□□□□T□□□□□□□

D[□□À□□28/9/2005773

□T□□□□□ÄB-iPA]@□□&□T□□□□□□□2},?□¿□□U□□ÿ□□DT□□ÀDS□□À□□
-□□□□□

□□□□¼t“□ÄãÉ@□□&□T□□□□□□e□Ã¥,”?□□S□□ÿ□□DT□□ÀDS□□À□□-□□
□½□□□T□□□□□□fø@□□□□q@□□□□

□T□□□□□Éâ?αβê?□□&□T□ □□□□‡□@□bt¿□□S□
ÿ□□DT□□ÀDS□□À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005777

□T□□□□□ïèÀ9#J□@~□□□T□

□□□□ØÄ@□□&□T□

D[□□À□□28/9/2005778

□□□ÀÿXâ´V™?□□U□

ÿ□□DT□

ÀDS□

□

□□□½□□□T□

D[□□À□□28/9/2005782

□'□àéà@(□□Đz@□□ý□□□U□□□□□S□□□□□□U□□□□□□□

D[□□À□□28/9/2005783

□U□□□□□-

!□uqŪ\@□□&□U□□□□□□?ÂäÀ□Œ¿□□V□□ÿ□□DU□□ÀDT□□À□□-□□□□□

D[□□À□□28/9/2005784

□U□□□□□□□□•C#EÑ@□□&□U□□□□□4}□_RbÕ?□□T□□ÿ□□DU□□ÀDT□□À
□□-□□□½□□□U□□□□□□áĐø@□□□`e@□□□□

